

### 3

## O QBI NA FUNÇÃO DE FERRAMENTA MEDIADORA NO ENSINO DE INGLÊS COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA

No capítulo anterior, apresentamos as fundamentações teóricas que sustentam tanto a Teoria da Atividade quanto nossa pesquisa, juntamente com os elementos sistêmicos referentes a esse cabedal teórico, quais sejam: *o conceito de síntese, contexto social, objetivo, mediação e motivação*. Uma vez que essa abordagem se configura basicamente sob a premissa de que as atividades humanas são *agenciadas, encapsuladas e mediadas* por artefatos tecnológicos<sup>25</sup>, a Teoria da Atividade nos fornece as ferramentas analítico-descritivas essenciais para moldarmos o conteúdo composicional do sistema de atividades docentes em que o QBI desempenha a função de instrumento mediador.

Tendo em vista as informações acima apresentadas, o desafio eminente deste capítulo concerne essencialmente à realização de duas tarefas: a) *enumerar os respectivos constituintes sistêmicos* e b) *dispor a rede de relações que os mesmos estabelecem entre si*. Com o intuito de atingir esses objetivos, nosso arcabouço teórico dispõe de certos *princípios reguladores*<sup>26</sup>, os quais promovem tanto a análise quanto a descrição das unidades envolvidas no estudo em questão:

1. O sistema prevê uma ênfase na *intencionalidade* humana;
2. *Agentividade*;
3. Valoriza-se o *desenvolvimento* humano;
4. *Cultura e sociedade modelam a arquitetura composicional da atividade, seja ela individual ou coletiva*.

Organizamos as devidas explicações nos itens subsequentes tratando, inicialmente, dos princípios reguladores listados acima para, posteriormente, enumerarmos e ilustrarmos a rede de relações que os constituintes sistêmicos apresentam dentro do contexto de nossa pesquisa.

---

<sup>25</sup> Cf. Nota 10, p.23.

<sup>26</sup> “We have been drawn to activity theory because of certain of its tenets that are encapsulated in the notion of people acting with technology. These tenets are: 1) an emphasis on human intentionality, the asymmetry of people and things [agency], the importance of human development, and the idea that culture and society as shaping human activity” (Kaptelinin & Nardi, 2006, p. 10).

### 3.1 Intencionalidade humana

A noção do termo *intencionalidade* está diretamente relacionada com a própria definição ou conceito de atividade, conforme o descrito no capítulo anterior: *atitude intencional, consciente e voluntária, motivada* por uma necessidade específica. Ao seguirmos essa linha de raciocínio, observamos que a mola-mestra desencadeadora de todo o processo de uma atividade encontra-se no item motivador, de ordem subjetiva, que será norteado e atingido através de um conjunto de ações estratégicas: o *objetivo* de uma atividade, cuja natureza configura-se de forma acional-performativa. Desse modo, o objetivo a ser alcançado não só circunscreve as etapas a serem agenciadas, como também as contextualiza. Conforme destacam Kaptelinin & Nardi (2006, p. ):

O conceito de *objeto* de uma atividade corresponde a uma ferramenta analítica que provê os meios para se compreender tanto *o que* as pessoas estão fazendo quanto *o porquê* de suas ações. Ele pode ser visto como a *razão ou motivo principal* por trás de vários comportamentos de indivíduos, grupos ou organizações. Em outras palavras, o objeto de uma atividade funciona como um *termômetro*, o qual dá significado e determina os valores de várias entidades e fenômenos<sup>27</sup>.

Entretanto, a concepção ou entendimento do vocábulo *objeto* esbarra em um obstáculo de natureza linguística. Como “a Teoria da Atividade possui suas raízes teóricas na psicologia histórico-cultural russa”<sup>28</sup>, muitos termos foram emprestados e traduzidos a partir desse idioma. Assim, para evitarmos quaisquer ambiguidades durante a leitura deste trabalho, o parágrafo seguinte fornecerá os conceitos em que o termo *objeto* se insere no contexto de nossa investigação.

Kaptelinin & Nardi (2006) explicam que, em russo, há duas palavras, *objekt* e *predmet*, comumente traduzidas como *object* para a língua inglesa e, conseqüentemente, *objeto*, em língua portuguesa. Contudo, há uma singela diferença semântica entre elas. “Enquanto a primeira (*objekt*) relaciona-se diretamente com *itens materiais, elementos do mundo real*, cabendo, aqui, uma

<sup>27</sup> “... the concept of the object of activity is an analytical tool providing a means of understanding not only what people are doing, but also why they are doing it. The object of activity can be considered the “ultimate reason” behind various behaviors of individuals, groups, or organizations. In other words, the object of activity is a ‘sense-maker’, which gives meaning to and determines the values of various entities and phenomena” (Kaptelinin & Nardi, 2006, p. 138).

<sup>28</sup> “Activity Theory was first born within Soviet psychology”. (Kuuti, 1995, p. 23).

tradução equivalente a *objeto material*, a segunda (*predmet*) normalmente está ligada aos termos *alvo* e *meta*, podendo ser devidamente traduzida como *objetivo*<sup>29</sup>. Além disso, lembremos que *o objetivo de uma atividade* encontra-se intimamente relacionado com a intencionalidade humana. Em outras palavras: “o objetivo torna-se o motivo da atividade e a necessidade [ou habilidade] de agir não só estimula o sujeito como também o orienta”<sup>30</sup>. Nesse sentido, quando falamos de *objeto de uma atividade*, estamos basicamente tratando da orientação ou finalidade de uma atividade em si. No escopo de nosso trabalho, o objeto pré-definido diz respeito ao *EILE*, ou seja, investigamos as ações do sujeito-professor visando à concretização desse *objetivo* juntamente com as *instâncias resultantes* dessa atividade, *os textos multimodais*, além de expormos de que modo o QBI atua como instrumento mediador. Entretanto, optamos desde o início da redação deste trabalho em apresentar a expressão “*objeto de uma atividade*” como “*objetivo de uma atividade*” com o propósito único de facilitarmos a leitura do mesmo.

Uma vez que um *objeto material*, o QBI, está presente na atividade sob análise, o outro valor semântico do vocábulo objeto, *objetivo*, de acordo com as explanações feitas acima, também merece ser estudado. Trabalharemos essas questões no item seguinte.

### 3.2 Agentividade

O ser humano é dotado de *agentividade*, “a habilidade e a necessidade de agir”<sup>31</sup>, enquanto que os *objetos*, entendidos nesse contexto como *itens materiais*, não são capazes de atuar *intencionalmente*. Essa divergência é teorizada como *assimetria*<sup>32</sup>. Em nossa pesquisa, esses objetos constituem-se das ferramentas tecnológicas (mais especificamente, os QBIs), tidos como o produto de uma

<sup>29</sup>“*Objekt*, denoting ... material reality in general (as ‘things having an existence’), constituted a pole of the “subject–object” opposition through which the notion of activity as a process of mutual transformations between these poles was defined... The term *predmet* was used to denote *objective orientation of activity*. (Kaptelinin & Nardi, 2006, p.140).

<sup>30</sup> “... the object [objective] becomes a motive and the need not only stimulates but also directs the subject”. (Ibid., p.60).

<sup>31</sup> “... the agency manifested by the subject of activity is of a special character. It can be defined as the ability and the need to act”. (Ibid., p. 33).

<sup>32</sup> “Asymmetry” (Ibid., p. 238).

necessidade sócio-cultural, isto é, foram criados com uma função pré-definida e servem como mediadores e facilitadores para que um *objetivo* seja alcançado. Sforzi (2004, p.34) afirma que “o instrumento [tecnológico] serve como condutor da ação humana ... e permite ampliar a ação do homem”.

Conforme expusemos anteriormente, a atuação do indivíduo é inerentemente motivada, ou seja, o ser humano age impulsionado por uma necessidade específica. Consequentemente, sua interação com o mundo dá-se com propósitos pré-estabelecidos, com o intuito de atingir um determinado *objetivo*. Assim sendo, a raiz intencional, de natureza *subjetiva* (necessidade), desdobra-se em outra unidade, de ordem *objetiva* (acional-performativa) e a ação recíproca entre esses dois pólos é viabilizada através dos *objetos mediadores* do mundo real. Em nosso caso, a motivação do sujeito-professor constitui a força motriz que o orienta na realização de seu objetivo, o EILE.

A atividade mediada promove oportunidades de reflexão e aprendizado sobre o legado cultural que os instrumentos tecnológicos trazem codificados e encapsulados em si mesmos. Em outras palavras, essa vivência articula o próprio desenvolvimento humano, tópico que exploraremos a seguir.

### **3.3 Desenvolvimento humano**

Observamos previamente que a experiência incitada pelo binômio *subjetivo-objetivo* pode ser traduzida no próprio desenvolvimento humano, pois, para que um objetivo seja atingido, o mesmo é diligentemente operacionalizado por meio de *atividades mediadoras* através da utilização de *instrumentos*, que trazem embutidos em si informações de caráter histórico-culturais<sup>33</sup>. Segundo Kaptelinin & Nardi (2006, p.56):

Ao se apropriar de uma ferramenta, integrando-a as suas atividades, os seres humanos também se apropriam da existência acumulada em sua cultura. Elaborar práticas para criação, armazenamento e manutenção de ferramentas corresponde às características mais básicas dos seres humanos.

---

<sup>33</sup> “By appropriating a tool, integrating it into activities, human beings also appropriate the existence accumulated in the culture. Elaborate practices of creating, storing, and maintaining tools are the most basic feature of human beings...” (Kaptelinin & Nardi, 2006).

Nesse sentido, o manuseio dos respectivos artefatos tecnológicos pressupõe o conhecimento da técnica que os estruturam e de suas funcionalidades dentro da sociedade que os produziram. Por conseguinte, o aprendizado dessas informações não só garante a realização de uma atividade mediada através desses elementos, como também leva o ser humano a se desenvolver intelectualmente. Segundo Betcher & Lee (2009, p.5-6), “a simples decisão de implementar o QBI em uma escola aumenta substancialmente as chances de os professores avançarem para uma maneira de trabalhar [e pensar] mais *digital*”.<sup>34</sup>

Outro ponto importante relacionado ao desenvolvimento humano diz respeito aos estágios evolutivos que uma determinada ferramenta já alcançou. Em nossa pesquisa, focamos única e exclusivamente no QBI; contudo, dependendo dos artefatos em jogo, pode-se agenciar a mesma atividade docente em questão, o EILE, de diversas formas como, por exemplo: através do uso do quadro-negro tradicional, do quadro branco e canetas hidrocores, retroprojetores, transparências, um computador e *softwares* para apresentações com *slides*. A tecnologia, ao mesmo tempo em que impõe limites e condições, também oferece as possibilidades para que uma atividade seja implementada. Nesse sentido, faz-se imperioso observar esse aspecto “histórico” que as ferramentas carregam em si em estágios distintos ao longo do progresso tecnológico-científico de uma sociedade, de forma que esses avanços passam a fazer parte integrante do arcabouço cultural a ser herdado por gerações futuras. E o próprio QBI é um bom exemplo do que acabamos de expor.

O conhecimento sobre a arquitetura composicional de uma determinada atividade é permeado pela *cultura* e *sociedade* com que o ser humano tem contato. E é justamente nesse processo de aprendizagem sobre o seu funcionamento que o homem se constrói sócio-historicamente: sua formação e desenvolvimento intelectuais são frutos da síntese das experiências em sociedade, onde atua intencionalmente e objetivamente, e assimila os valores culturais embutidos nos instrumentos tecnológicos produzidos ao longo das gerações.

O caráter do agenciamento de uma atividade pode configurar-se de dois modos: *individual* e *coletivamente*. Esse assunto será estudado no item

---

<sup>34</sup> “To put it simply, a decision to deploy IWBs throughout a school substantially increases the chances of getting teachers to shift to a more digital mode of working”.

subsequente e permitirá a enumeração e verificação da rede de relações dos itens que constituem a atividade de EILE mediada pelo QBI.

### 3.4

#### **Agenciamento individual *versus* agenciamento coletivo**

A dupla possibilidade de agenciamento de uma atividade é o resultado de perspectivas teóricas complementares, resultantes dos trabalhos de Leontiev (1978) e Engeström (1999). O ponto de vista de cada um deles representa posicionamentos analítico-descritivos distintos. Como bem nos lembra Saussure (2001, p. 15): “Bem longe de dizer que o objeto precede o ponto de vista, diríamos que é o ponto de vista que cria o objeto”. Portanto, as contribuições dos estudiosos supracitados tangem reflexões diferentes sobre o *objeto de uma atividade*.

Os subitens a seguir apresentam os detalhes de cada abordagem e fazem uso do conteúdo teórico apresentado no capítulo anterior. Ao final, pretendemos também ter enumerado os itens sistêmicos correspondentes ao nosso trabalho em conjunto com a rede de relações que os mesmos apresentam entre si.

##### **3.4.1 Agenciamento individual: o recorte de Leontiev (1978)**

Em consonância com o exposto em Kaptelinin & Nardi (2006, p.62-64), para Leontiev (1978), o *objeto de uma atividade* diz respeito a uma *atitude individual objetiva*, mediada e organizada sistêmico-hierarquicamente. Segundo os autores:

Cada atividade, *de per si*, pode ser representada como uma estrutura hierárquica organizada em três camadas. A camada superior corresponde à atividade em si, a qual é orientada para um motivo. O motivo é objetivo que estimula o sujeito. É esse objetivo que o sujeito almeja atingir... Complementar a isso, uma atividade pode ser composta de uma sequência de etapas ... que podem resultar na realização do objetivo. De acordo com a terminologia da Teoria da Atividade, esses componentes são as *ações*, ou o segundo nível hierárquico da atividade. Cada ação está relacionada com uma *meta* específica. As ações podem ainda ser decompostas em um terceiro nível hierárquico denominado *operações*. Estas são processos de rotina que oferecem os ajustes às ações em andamento, uma vez que

cada operação limita-se às *condições* impostas ao sujeito para que ele tente atingir seu objetivo.<sup>35</sup>

Dentro do escopo de nossa pesquisa, em que o QBI situa-se como elemento mediador, a atividade individual<sup>36</sup> diz respeito à *prática docente* de EILE. Consequentemente, uma vez que o termo *ensino* encontra-se presente, é inevitável que o elemento inicial, aquele que desempenha o papel de *sujeito* da atividade corresponda, logicamente, ao *professor*.

Imbuído de uma *motivação*, o *sujeito-professor* organiza-se em uma série de procedimentos didático-pedagógicos, ou seja, ele subdivide *a atividade docente*, o *primeiro nível da hierarquia*, em um conjunto de *ações* estratégicas encapsuladas por *metas* específicas, as quais correspondem ao *segundo nível da hierarquia* - o *nível das ações*, com o intuito de atingir seu *objetivo*: o ensino de língua inglesa, que pode abranger desde uma determinada estrutura gramatical ou outro aspecto desse idioma.

Entretanto, as suas *ações* somente serão *operacionalizadas* de acordo com as *condições* que o meio lhe oferecer. Assim, o terceiro nível da hierarquia corresponde às operações realizadas tanto no momento de elaboração quanto na execução de uma aula e ambos devem ser levados em conta, uma vez que *determinam*, *restringem* e *orientam* a performance docente no alcance do objetivo pré-definido. Finalmente, uma vez que sua *atitude subjetiva* é executada pela utilização de um instrumento tecnológico-mediador específico, o QBI, este se interpõe entre aquela e o objeto da atividade. A Tabela 2 a seguir expõe os itens até aqui discutidos.

---

<sup>35</sup> “Each activity, in its turn, can be represented as a hierarchical structure organized into three layers. The top layer is the *activity* itself, which is oriented toward a motive. The motive is the object [objective], which stimulates, excites the subject. It is the object[objective] that the subject ultimately needs to attain... an activity may be composed of a sequence of steps, each of which is not immediately related to the motive even though the sequence as a whole may eventually result in attaining the motive. According to activity theory terminology, these components of activity are *actions*. The objects at which they are directed are called *goals*... actions, in turn, can also be decomposed into lower-level units of activity called *operations*. Operations are routine processes providing adjustment of an action to the ongoing situation. They are oriented toward the *conditions* under which the subject is trying to attain a goal” (Kaptelinin & Nardi, 2006).

<sup>36</sup> Obviamente que o professor encontra-se incluído em uma comunidade discursiva, com quem compartilha propósitos em comum. Entretanto, dentro do recorte proposto por Leontiev (1978), as ações individuais são o seu objeto de análise.

<b>Atividade Docente Mediada pelo QBI com base em Leontiev (1978)</b>	
<b>Níveis</b>	<b>Componentes</b>
1º Nível	A atividade docente em si.
2º Nível	Ações didático-pedagógicas.
3º Nível	Operações condicionadas ao meio.
<b>Elementos</b>	<b>Função no Sistema</b>
Professor	Sujeito da atividade.
QBI	Artefato tecnológico mediador.
Objetivo	Ensino de inglês como língua estrangeira.

Tabela 2 – Níveis hierárquicos, elementos sistêmicos e suas funções na atividade individual de EILE mediada pelo QBI.

A dinâmica sistêmica entre os elementos da Tabela 2 pode ser traçada graficamente, conforme sugere a Figura 6 abaixo, moldada a partir de Kaptelinin & Nardi (1996) e Engeström (1999):

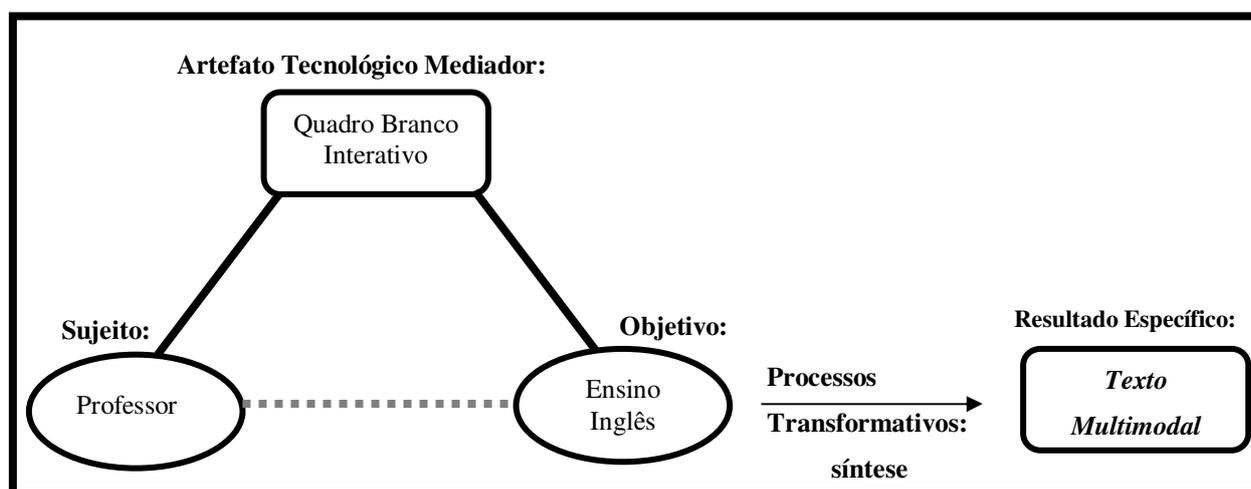


Figura 7 – Organização da atividade de EILE mediada pelo QBI.

O esquema acima carece de uma análise detalhada. Observa-se que na interação entre o sujeito (professor) e o instrumento mediador (QBI) na intenção de atingir um objetivo pré-motivado (ensino de inglês), há um processo dialético devido à assimetria entre o sujeito-agente e o artefato-mediador, um jogo interacional que estabelece os limites e possibilidades para a atuação do indivíduo, onde a resultante das forças compõe-se de uma *síntese* entre as operações em andamento.

Esse embate de diferenças é representado pelo conjunto de *processos transformativos*, que promovem o surgimento de um elemento anteriormente inexistente: um *texto multimodal*, isto é, um arquivo de computador para

utilização com a tecnologia em jogo (QBI), composto de elementos *textuais, imagéticos, sonoros, visuais, complexo-dinâmicos*, dentre outros. Esse arquivo, de forma sucinta, corresponde ao produto da ação recíproca entre o *objeto motivador* (motivação do sujeito-professor) e o *objeto norteador* (EILE), mediada pelo *artefato tecnológico* (QBI).

O resultado específico delineado anteriormente encapsula, concomitantemente, itens de naturezas diversificadas. O professor, como sujeito, detém uma gama de conhecimentos de ordem didático-pedagógica de aplicabilidade em um ambiente definido: *a sala de aula*. Portanto, ele deve empreender decisões sobre os melhores procedimentos para atingir seu objetivo específico. Já o artefato tecnológico fornece ferramentas para a estruturação das atividades docentes. Finalmente, itens de natureza linguística – estruturas da língua inglesa – correspondem ao conteúdo a ser ensinado, isto é, o objetivo da atividade em si. A Tabela 3 a seguir ilustra a estrutura do *texto multimodal* mediante o que acabamos de descrever.

<b>Estrutura de um Texto Multimodal no escopo de nossa pesquisa</b>			
<b>Item:</b>	<b>Natureza:</b>	<b>Origem:</b>	<b>Composição:</b>
1)	Didático-Pedagógica	Professor	Fruto da experiência e prática docente, apresenta uma sequência organizacional para facilitar o ensino de um determinado aspecto da língua inglesa.
2)	Tecnológica	QBI	Conjunto de recursos oferecidos pelo artefato tecnológico.
3)	Linguística	Língua Inglesa	Elementos de ordem léxico-gramatical e/ou semântico-discursivos.

Tabela 3 – Estrutura de um texto multimodal de acordo com nossa pesquisa.

Os processos transformativos em si, entretanto, não podem figurar sem um contexto determinístico. Consequentemente, a representação gráfica da atividade docente na Figura 7 deve também ser vista levando-se em conta as forças de natureza sócio-coletiva, ou seja, a atividade humana individual encontra sua essência cristalizadora na atividade em conjunto, na relação com outros membros do grupo, o que promove não somente o estabelecimento de regras e a divisão de tarefas, como também a assimilação, prática e desenvolvimento tanto do ser humano quanto dos artefatos tecnológicos existentes, tudo emoldurado na realização de um *objetivo coletivo comum*. Oliveira (2009, p. 98), em referência

ao trabalho de Leontiev (1978), lembra que “a atividade de cada indivíduo ocorre em um sistema de relações sociais, em que o trabalho ocupa o lugar central”.

O próximo item tratará do assunto com maiores detalhes.<sup>37</sup>

### 3.4.1 Agenciamento coletivo: a proposta de Engeström (1999)

As contribuições teóricas de Vygotsky (1998), Luria (1979) e Leontiev (1978) são a coluna-mestra na composição do sistema analítico-descritivo da Teoria da Atividade. Entretanto, os autores mencionados estabeleceram como foco primordial a análise das atividades do sujeito enquanto indivíduo, sua formação e desenvolvimento como resultado das experiências no meio social, ou seja, um recorte para o *agenciamento individual*.

Engeström (1999) oferece uma contribuição teórico-complementar com foco na *atividade coletiva*. Kaptelinin & Nardi (2006, p. 142) expõem esse novo olhar:

Dentro da abordagem desenvolvida por Engeström, a unidade de análise é definida como um sistema de atividade coletiva ao invés de uma atividade individual. O objeto da atividade é definido pela comunidade e é a comunidade que realiza a atividade coletiva como um todo.<sup>38</sup>

Portanto, através dessa nova proposta de trabalho, Engeström estabelece um sistema de atividades composto pelas seguintes unidades: *sujeito*, *objeto* (objetivo), *artefatos mediadores* (ferramentas tecnológicas), *regras*, *comunidade e divisão do trabalho*. Nessa remodelagem sistêmica, conforme destaca Kuuti (1995, p. 25), “há uma relação mútua entre o sujeito, o objeto da atividade e a comunidade”<sup>39</sup>, conforme ilustra a Figura 8 abaixo:

<sup>37</sup> Em nossa pesquisa, escolhemos para análise a tecnologia de QBI desenvolvida pela empresa Promethean (<http://www.prometheanworld.com>), uma das muitas disponíveis no mercado. Assim, durante a elaboração de uma aula, o conjunto de páginas criadas com o auxílio do QBI e expostas em sua tela chama-se *flipchart*, um arquivo de computador, que pode ser salvo para alterações e/ou referências futuras.

<sup>38</sup> “Within the approach developed by Engeström..., the unit of analysis is defined as a collective activity system rather than individual activity... The object of activity is defined by the community, and it is the community that carries out the collective activity as a whole...”.

<sup>39</sup> “This systemic model ...contains three mutual relationships between subject, object and community.”

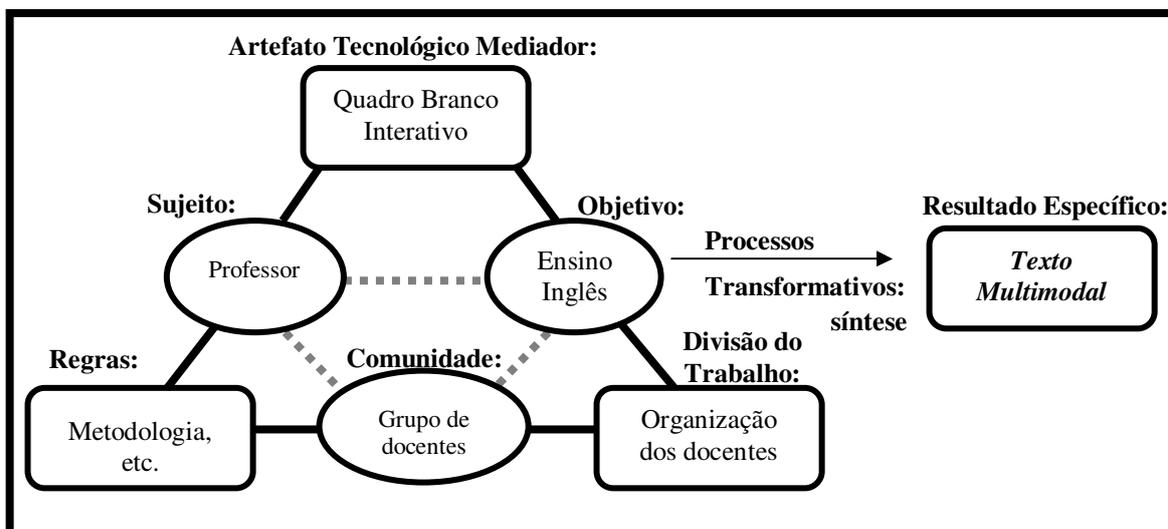


Figura 8 – Atividade de EILE sob a ótica de um agenciamento coletivo.

Inicialmente, devemos caracterizar os novos integrantes do sistema para, finalmente, analisá-lo como um todo.

Uma vez que convencionamos um agenciamento coletivo, a atuação do sujeito acontece não mais de forma individual. Antes, ele pertence a uma *comunidade* (grupo de docentes) que desfruta dos mesmos *objetivos* (EILE). Conseqüentemente, faz-se necessário o estabelecimento tanto de *regras* sociais - um código de conduta profissional para realização das respectivas tarefas, como também de uma filosofia de ensino, evidenciada em uma *metodologia* ou *abordagem*, ou seja, uma concepção sobre como trabalhar e olhar o objeto, no caso, a língua inglesa. Por fim, à comunidade são equacionadas atribuições pertinentes às tarefas docentes (*divisão do trabalho*), dentro do ambiente institucional ao qual pertencem, compreendidas em ações administrativo-pedagógicas: controle da presença dos alunos, elaboração de planos de aula, preparação de lições, organização da sala de aula, etc. A Tabela 4 abaixo apresenta os itens sistêmicos e os níveis hierárquicos também sob a perspectiva de Engeström (1999):

<b>Atividade Docente Mediada pelo QBI com base em Engeström (1999)</b>	
<b>Níveis</b>	<b>Componentes</b>
1º Nível	A atividade docente em si.
2º Nível	Ações didático-pedagógicas.
3º Nível	Operações condicionadas ao meio.
<b>Elementos</b>	<b>Função no Sistema</b>
Professor	Sujeito da atividade.
QBI	Artefato tecnológico mediador.
Objetivo	Ensino de inglês como língua estrangeira.
Regras	Códigos de conduta, metodologia de ensino de língua inglesa, entre outros.
Comunidade	Grupo de docentes que compartilham de interesses em comum.
Divisão do Trabalho	Organização sistêmica do conjunto de atividades e funções específicas pertinentes aos membros da comunidade.

Tabela 4 – Níveis hierárquicos, elementos sistêmicos e suas funções na atividade coletiva de EILE mediada pelo QBI.

Complementar ao parágrafo anterior, é possível observarmos três relações que concorrem mutuamente ao objetivo norteador, o ensino de língua inglesa. A primeira compreende o *sujeito* (professor) e o *objetivo* (ensino de língua inglesa), *mediada* pelo *artefato tecnológico* (QBI); a segunda, abarca o *sujeito* e a *comunidade* (grupo de docentes), *mediada* pelas *regras* (metodologia de ensino, códigos de conduta, etc.); finalmente, a terceira engloba a *comunidade* e o *objetivo*, *mediada pela divisão do trabalho* (organização das atividades de acordo com seus objetivos). Analisamos cada tríade em particular nos parágrafos abaixo.

A primeira configuração – *sujeito, artefato tecnológico e objetivo*, tange uma abordagem da ação individual do sujeito-professor no contexto de utilização do QBI como meio de atingir o objetivo de EILE: desde a elaboração de seu plano de aula até a execução da mesma, o conjunto de ações pertinentes à atmosfera da sala de aula estão intrinsecamente relacionados à utilização do instrumento mediador. Há o pensamento, definição e redefinição de estratégias de cunho didático-pedagógico sobre como organizar o melhor plano de ação em parceria com a tecnologia em jogo.

Entretanto, conforme ressaltamos em parágrafos anteriores, a ação do sujeito-professor não se dá de maneira descontextualizada. Antes, suas atitudes transcorrem em consonância com as regras da comunidade à qual pertence. Nesse sentido, a segunda configuração – *sujeito, regras e comunidade*, expõe o caráter social da atividade docente em questão: conforme investigamos *o ensino* de língua inglesa, deve-se pensar em uma metodologia e/ou abordagem, ética docente, gêneros pedagógicos, enfim, um agregar de valores compartilhados pelos

membros da comunidade que o sujeito-professor deve conhecer e praticar. Além disso, o contato com os membros da comunidade promove a troca de experiências na utilização da tecnologia do QBI, fato este que possibilita não só um melhor conhecimento da ferramenta tecnológica, como também o desenvolvimento do sujeito-professor na articulação de novos recursos implementáveis, anteriormente desconhecidos em suas atividades.

Finalmente, a terceira configuração – *comunidade, divisão do trabalho e objetivo*, engloba e complementa a atividade docente em sociedade: a rede de relações do sujeito-professor com os outros membros da comunidade através da divisão de tarefas que perpassa um acordo coletivo em comum, cujo objetivo conjunto tende ao EILE. Nesse instante, é importante retomarmos a noção de gêneros como entidades criadas sócio-culturalmente e que nos ajudam a classificar, interpretar e contextualizar as *atividades humanas, orientando nossas ações*. Essas classes são resultado de um acordo coletivo comum e estabelecem as diretrizes acionais de uma determinada atividade.

Assim, em um recorte institucional, ou seja, que inclui não só o sujeito-professor, como também os demais membros da comunidade a que pertence, conforme o sugerido por Engeström (1999), somam-se aos gêneros pedagógicos já mencionados nesta pesquisa, quais sejam: esquemas de trabalho, planos de aula, manual do professor, materiais didáticos, exercícios de fixação, testes, provas, etc., os de ordem administrativo-pedagógica, tais como formulários de controle e mapeamento de frequência, documentos avaliativos para o acompanhamento de aprendizado (boletins e relatórios de desempenho, por exemplo), diretrizes acadêmico-empresariais (códigos de ética e postura, procedimentos e orientações para aplicação e correção de testes e provas, etc.). Entretanto, devido à natureza de nossa investigação, daremos ênfase aos primeiros, mais especificamente, ao manual do professor, material didático, plano de aula e esquema de trabalho.

Consequentemente, são conhecidas as funções que o sujeito-professor deve empreender em seu ambiente de trabalho, as quais normalmente divergem das atividades de gerência, gestão orçamentária, secretaria, entre outras, embora todos trabalhem para que o objetivo-comum (EILE) atinja o nível de excelência esperado. Complementar ao que acabamos de mencionar, Kuuti (1995, p. 25)

afirma que “as atividades são distinguidas uma das outras de acordo com seus objetivos”.<sup>40</sup>

Entretanto, faz-se imperioso ressaltar que o fato de o sujeito-professor possuir um vasto leque de opções e orientações sobre a preparação e execução de suas aulas, o que em muitas situações promove a ideia de que “tudo já se encontra pronto, sendo suficiente seguir o *script*”, veremos no próximo capítulo que a utilização do QBI como ferramenta tecnológica mediadora exigirá dos docentes uma atenção especial<sup>41</sup>.

Um olhar mais apurado à estrutura sistêmica apresentada na Figura 8 evidenciará que toda e qualquer ação para concretização do objetivo norteador está relacionada à arquitetura e ferramentas disponibilizadas pelo artefato tecnológico-mediador, o QBI. Observa-se que as linhas que passam pelos elementos constituintes do sistema (sujeito, regras, comunidade, divisão do trabalho e objetivo) são de natureza contínua, o que promove a ligação direta desses itens ao QBI, fazendo com que cada plano de ação leve em conta o uso desse artefato tecnológico. Além disso, o resultado dessa rede hierárquica de ações e operações transcende a simples justaposição das unidades envolvidas: a *síntese* desse sistema de atividades concorre no surgimento de um *texto multimodal* que carrega em si não somente itens de ordem didático-pedagógica, tecnológica e linguística, como também elementos de natureza metodológica, possíveis contribuições dos membros da comunidade e aspectos diretivos da organização laboral e discursiva, como os *gêneros*.

### 3.5 Resumo

Esse capítulo teve como finalidade principal a utilização das fundamentações teóricas que embasam a Teoria da Atividade para descrição e análise dos elementos constituintes do conjunto de atividades docentes em que o QBI se insere como ferramenta mediadora.

---

<sup>40</sup> “... activities are distinguished from each other according to their objects [objectives]”.

<sup>41</sup> Os Capítulos 4, 5 e 6 exemplificarão de forma mais clara as questões relacionadas à elaboração e execução de aulas em que o QBI se interpõe entre o sujeito-professor e o objetivo de suas atividades.

Através dos princípios reguladores que norteiam o sistema da Teoria da Atividade, quais sejam: *intencionalidade, agentividade, desenvolvimento humano e agenciamentos individuais e coletivos*, descrevemos os processos de formulação e instanciação que moldam a atividade de EILE. Além disso, expomos a organização hierárquica desse sistema e mostramos as inter-relações entre seus componentes de acordo com as contribuições teóricas de Leontiev (1978) e Engeström (1999).

O conceito de síntese nos forneceu uma informação valiosa: a força resultante do conjunto de práticas docentes mediadas pelo QBI, sejam elas realizadas individual ou coletivamente, corresponde a um *texto multimodal*, uma estrutura composta de itens de natureza diversa, incluindo itens textuais, imagéticos, sonoros, visuais, complexo-dinâmicos, dentre outros.

Conforme o QBI viabiliza a criação de um elemento com múltiplas características, no capítulo subsequente buscamos uma descrição e análise dos aspectos intrinsecamente *multimodais* que nossa ferramenta tecnológica engendra.